



INSTITUTO DE FILOSOFIA  
E CIÊNCIAS HUMANAS

## UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

### PROGRAMAS E BIBLIOGRAFIAS

2º período letivo de 2023

**Disciplina:** HZ169 B

**Nome:** Tópicos Especiais em Antropologia XV; “Cinema e Pensamento Marginal”

**Docente:** Leandro Silva de Oliveira

#### **Ementa**

O objetivo do curso é introduzir os estudantes às reflexões sobre temas e personagens marginais no contexto urbano do Brasil, tais como aparecem no cinema e nas ciências sociais. Buscando superar a mera convergência temática e avançando para considerações sobre as implicações formais de um e outro modo de elaboração da realidade social, isto é, no cinema e nas ciências sociais, o curso parte de uma pergunta que, em um mesmo gesto, aproxima e distancia o cinema e as ciências sociais: “como dizer a realidade?”.

#### **Programa**

Tanto o cineasta quanto o cientista social defrontam-se, eventualmente, com a questão “como dizer a realidade?” e fabulam meios de enfrentá-la. O eixo estruturador do curso é o cotejo entre as pesquisas e análises desenvolvidas no campo da Antropologia Social e da Sociologia Urbana sobre temas tais como periferia, pobreza, violência, mundo do trabalho e mundo do crime, prisão, polícia e controle estatal, frente a certa tradição do cinema brasileiro implicada tópico e formalmente com estes mesmos temas. Por meio de leituras, análises

e debates teóricos, metodológicos e epistemológicos, o curso enfatiza os sentidos e as dificuldades implicadas na elaboração discursiva da realidade social tanto na pesquisa científica quanto no discurso cinematográfico.

O diálogo das ciências sociais com elementos estéticos e, particularmente, com os dados visuais, é marcada por impasses e reverses que procuramos situar e enfrentar analiticamente. Partimos das seguintes constatações:

1) Antropólogos e sociólogos lidam todo o tempo com dados visuais (e sonoros) em suas pesquisas, sejam estas de que natureza forem. É pertinente que desenvolvam a capacidade de refletir, detidamente, sobre o sentido e as implicações estéticas da presença desses elementos na vida, no mundo, nas ciências e nas artes. Quando em 1945 a revista *American Journal of Sociology* publicou um artigo no qual celebrava os cinquenta anos do periódico, não havia qualquer menção às 244 fotografias que apareciam na revista entre 1896 e 1931. Clarice Starz, a pesquisadora que deu pelo lapso, atribuiu a omissão à “visão que prevalece entre sociólogos (...) de que os dados visuais não têm um papel importante na compreensão da sociedade”<sup>1</sup>; 2) Os dados visuais costumam gozar de status secundário na conformação geral das pesquisas em ciências sociais. Não raro, os dados visuais aparecem como mera ilustração de argumentos, suplemento de prova, sinalizadores de veracidade ou verossimilhança, índices hipotéticos de alegações ou, quase decorativamente e sem qualquer nexos sistemático, figurando entre um e outro capítulo como referente anódino de um imaginário que se quer conjurar. Se bem-sucedido, o presente curso contribuirá para o enfrentamento dessas distorções; 3) O trabalho do cientista social tem, ele mesmo, relevantes implicações formais. É importante que o estudante de graduação desenvolva a capacidade de perceber as latências e os impasses daí decorrentes. A ideia de que os textos sociológicos e antropológicos têm uma dimensão estética não é nova. Wolf Lepenies já havia chamado nossa atenção em *As três culturas* (1996) para o surgimento da sociologia no XIX em um difícil equilíbrio entre as ciências duras e a literatura; James Clifford e Clifford Geertz, por seu turno, nos provocam, respectivamente, em *A escrita da cultura. Poética e política na etnografia*

---

<sup>1</sup> Cf. MARTINS, José de Souza. *Sociologia da fotografia e da imagem*. 1 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

(1986) e *O antropólogo como autor* (1988), ao enfatizarem o pendor literário e fabular do texto antropológico; 4) O curso explora precisamente as convergências e distanciamentos entre o cinema e a produção acadêmica sobre temas e personagens marginais, considerando as implicações estéticas e políticas próprias de cada modo particular de elaboração discursiva e simbólica da realidade social. A permanente reconfiguração e recriação de personagens e espaços periféricos, as informalidades e os ilegalismos, o crime, as drogas e o mercado de drogas, a violência e a gestão da violência, a incriminação e as organizações criminosas, a violência policial, o endurecimento penal, o encarceramento em massa e as muitas faces da perseguição e dos extermínios são temas e debates que povoam os textos científicos, mas também os filmes sobre os quais nos debruçamos neste curso. É pertinente, contudo, que os tomemos não como meros “assuntos interessantes” dessas pesquisas e desses filmes; é preciso ter presente que “[e]stamos lidando com o cerne da produção das “margens” [...] e da produção da vida nua nas circunstâncias concretas de vida e trabalho dos que habitam ou transitam por esses territórios [marginais]. Mas também estamos lidando com questões que ativam, que acionam os imperativos e axiomas da “lei e ordem”, imperativos das políticas de (in)segurança que vigoram na atualidade (ou desde sempre) e axiomas que regem boa parte da pesquisa acadêmica sobre esses temas”<sup>2</sup>; 5) No Brasil, o diálogo entre cinema e ciências sociais se deu por meio de citações, referências, analogias, metáforas, etc., mas também por caminhos institucionais como nos mostra Jean-Claude Bernardet no incontornável *Cinema e imagens do Povo* (1985), ou, por outro prisma, José Mário Ortiz Ramos em *Cinema, Estado e Lutas Culturais* (1983). Desde os anos 1950, ao menos, que o cinema no Brasil se vê engajado em um diálogo extenso e profuso com o PCB, o CPC e a UNE, o Iseb, a Cepal e o Cebrap, a pesquisa etnográfica e a postura sociológica entre outras instituições, personagens e organizações dessa ordem. Esperamos que o estudante de graduação compreenda as transformações históricas pelas quais tem passado a realidade do país, mas também que estejam atentos aos modos como temas e enfoques da conjuntura política vão se distendendo ao longo do tempo, como o

---

<sup>2</sup> Cf. TELLES, Vera da Silva. Prospectando a cidade a partir de suas margens: notas inconclusas sobre uma experiência etnográfica. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, v. 3, n. 2, jul.-dez. 2013, pp. 359-373.

vocabulário e o repertório, o ângulo de visada, o enquadramento, as premissas, o desenrolar da análise/narrativa e as conclusões (quando existem) vão se modificando. Tanto no cinema quanto na produção acadêmica, temas tidos por periféricos caminham em direção aos holofotes no palco da pesquisa enquanto aspectos tidos como centrais pouco tempo antes são relegados à condição de acessório, contingente ou item ilustrativo de incursões mais gerais; 6) Ao tomarmos o cinema, para os fins deste curso, como expressão documental e política, atravessada, embora de modo descontínuo e não raro episódico, pelo contexto social e histórico no qual está inserido e pelos dilemas da sociedade para a qual se dirige em sua fatura, ressaltamos os vínculos temáticos com motes pertinentes às ciências sociais. De outro lado, contudo, apresentamos o filme como expressão artística e simbólica e que, sendo espaço de experimentações de linguagem, traz consigo a pergunta sobre as nuances da elaboração formal daquilo que se apreende no contato com o real. Aí entendidos os aspectos éticos, morais, teóricos, programáticos e estéticos de fabulação da empiria. Uma vez compreendido que os textos produzidos pelas ciências sociais são também expressões de cariz estético, é para esta região fronteira – ponto de contato entre o cinema e as ciências - que se volta nosso ânimo crítico e analítico.

Nesse sentido, o curso contribui para 1) Apontar perspectivas inovadoras e conexões inabituais entre arte e ciência, no sentido de enriquecer vocabulário, concepção e repertório dos alunos no enfrentamento dos desafios do estudo e da pesquisa em ciências sociais; 2) Oferecer aos estudantes um mapeamento introdutório das pesquisas e principais debates sobre temas e personagens marginais no contexto urbano do Brasil; 3) Apresentar um panorama do cinema brasileiro quanto à formação, ciclos, temas centrais, características formais, diálogos institucionais, etc.; 4) Propiciar o refinamento e alargamento do olhar por meio do contato disruptivo com outros modos de elaborar discursivamente a realidade; 5) Voltar o olhar do estudante para o próprio pesquisador como produtor de um modo particular de discursos implicados política e esteticamente na dinâmica social e na realidade pesquisada.

### **Cronograma a ser executado**

O curso se divide em dois momentos. 1) Em uma primeira incursão, apresentamos um breve panorama dos estudos em temas e espaços periféricos com ênfase nos conceitos e principais abordagens, bem como nas inflexões teóricas e metodológicas que têm marcado esse campo de pesquisa. Sempre que oportuno, destacamos as implicações formais dessas operações numa primeira aproximação com o campo da arte e do cinema. Na mesma intenção, apresentamos um breve histórico da formação do cinema brasileiro com atenção à uma “tradição” de filmes que se ligam a essas temáticas e a esse campo de enquadramento da realidade social. A seleção de filmes leva em conta, naturalmente, convergências temáticas e formais com os debates propostos pelo curso. Pobreza, violência, mundo do trabalho e mundo do crime, drogas, música, futebol e religião são alguns dos temas que permeiam esse debate e, por conseguinte, a produção posta em relevo. Ainda nessa primeira parte do curso exploramos as origens tumultuadas e indóceis, bem como o caráter híbrido e multifacetado tanto das ciências sociais quanto do cinema, ambos surgidos em fins do XIX e sinuosamente consolidados ao longo do XX. 2) O segundo momento do curso consiste em um aprofundamento da discussão sobre os aspectos formais e simbólicos de uma seleção de filmes e diretores do cinema brasileiro, com ênfase nas soluções formais empreendidas na busca por expressões atinadas da realidade social. Retomamos, nesse sentido, o debate sobre a linguagem cinematográfica tanto naquilo que há de original e *sui generis* em sua conformação estética e simbólica, quanto nos pontos de contato com a pesquisa científica sobre o social e o periférico. Aqui analisamos mais detidamente o cinema de alguns diretores que lidaram ostensivamente com temas caros às ciências sociais e apresentaram contribuições distintas à dualidade tema-forma. Interessa particularmente neste momento o cotejo - que implica um intercâmbio, nem sempre intencional - entre cinema e ciências sociais quanto às soluções concebidas ante a pergunta: “como dizer a realidade?”. Por fim, aferimos algumas consequências analíticas desse trajeto especular para o Cinema da Retomada, com enfoque em alguns filmes de destaque lançados a partir dos anos 2000, cujas implicações, esperamos, lancem luz sobre o presente.

**Encontro 1:** Apresentação do curso, problemática, objetivos e metodologia. Introdução aos estudos marginais, conceitos e principais abordagens, inflexões teóricas e metodológicas. Introdução ao cinema brasileiro - formação e

desenvolvimento - e sua relação com os temas próprios desse campo de pesquisa.

**Encontro 2:** As aproximações históricas, temáticas e estéticas entre cinema e ciências sociais. A sociologia, a antropologia e o cinema como fenômenos da virada do XIX para o XX. Hibridismo e heterogeneidade.

- COSTA, Flávia Cesarino. O Primeiro cinema, Espetáculo, narração, domesticação. Rio de Janeiro: Azougue Editorial: 2005.
- XAVIER, Ismail. Sétima Arte: um culto moderno. São Paulo, Perspectiva / Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia dos Estado de São Paulo, 1978.
- PONTES, Heloisa. Intérpretes da Metrópole: História Social e relações de gênero no teatro e no campo intelectual, 1940-1968. São Paulo: EDUSP, 2011. 464 p.
- BAZIN, Andre. O Cinema: Ensaios. (1991). Tradução Eloisa de Araújo Ribeiro. 1. Ed. São Paulo: Editora Brasiliense.
- LEPENIES, Wolf. As três culturas. São Paulo: EDUSP Editora. 1996.
- GEERTZ, Clifford. O antropólogo como autor. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 3 ed. 2009.
- CLIFFORD, James. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998
- CLIFFORD, James. A Escrita da Cultura. Poética e Política da Etnografia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2017.
- MISSE, Michel. Crime e pobreza: velhos enfoques, novos problemas. In: VILLASBOAS, Gláucia; GONÇALVES, M. A. (Orgs.). O Brasil na virada do século. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- VALLADARES, Licia do Prado. A invenção da favela: do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1 ed., 2005.

**Encontro 3:** Arte, ciência e vida. O lugar do estético e do científico na arte e nas ciências sociais. Uma diferença de ênfases.

- DEWEY, John. Arte como experiência. São Paulo: Martins, 2010.
- VOLOCHÍNOV, V. N.; BAKHTIN, M. (1926) Discurso na vida, discurso na arte. (mimeo)
- BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis, MG: Vozes, 36 ed., 2014.
- HERWITZ, Daniel. Estética: conceitos-chave em filosofia. Trad. Felipe Rangel Elizalde. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- BERNARDET, Jean-Claude. Cinema brasileiro: propostas para uma história. São Paulo: Companhia das letras, 2 ed., 2009.
- METZ, C. O significante imaginário psicanálise e cinema. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

- ORTIZ, Renato. A Moderna Tradição Brasileira: cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo: Editora Brasiliense: 2001.
- NAVES, Rodrigo. A forma difícil. São Paulo: Editora Ática. 2006.

**Encontro 4:** O cinema como expressão artística e simbólica. Luz, cores, ângulos, enquadramentos, corpo, fala, gestos. Arte e contexto. A linguagem do cinema e o método etnográfico.

- SORLIN, Pierre. Sociologia del cine: la apertura para la historia de mañana. México: Fondo de cultura econômica, 1985.
- AUMONT, Jacques. A estética do filme. Campinas: Papyrus, 1995.
- \_\_\_\_\_. Moderno? Por que o cinema se tornou a mais singular das artes. Campinas: Papyrus, 2007.
- EDGAR-HUNT, Robert; MARLAND, John; RAWLE, Steven. A linguagem do cinema. Porto Alegre: Bookman, 2013.
- SIJLL, Jennifer Van. Narrativa Cinematográfica: contando histórias com imagens em movimento. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- BOURDIEU, Pierre. 1965b. Un art moyen Essais sur les usages sociaux de la photographie. Paris : Minuit.
- MARTIN, Marcel. A linguagem cinematográfica. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- APPLE, Wendy. The Cutting Edge: The Magic of Movie Editing. Documentary: Production Companies, A.C.E., British Broadcasting Corporation (BBC), NHK Enterprises, TCEP Inc. 2004.
- GAUDREULT. André. A narrativa cinematográfica. Brasília: Editom, 2009.
- XAVIER, Ismail. O cinema brasileiro moderno. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- \_\_\_\_\_. O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- \_\_\_\_\_. O olhar e a cena. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- FERRO, M. Cinema e História; tradução Flávia Nascimento. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- KRACAUER, Siegfried. O ornamento da massa. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- \_\_\_\_\_. De Caligari a Hitler: uma história psicológica do cinema alemão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

**Encontro 5:** O diálogo entre cinema e ciências sociais no Brasil. Citações, referências, analogias e caminhos institucionais. As vanguardas e o cinema brasileiro - soluções de linguagem. O cinema como objeto e como ator de conhecimento sociológico.

- BERNARDET, Jean-Claude. Cineastas e imagens do povo. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

- RAMOS, José Mário Ortiz. Cinema, Estado e lutas culturais. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- MARTINS, José de Souza. Sociologia da fotografia e da imagem. 1 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011.
- XAVIER, I. 1993. Alegorias do subdesenvolvimento: Cinema Novo, Tropicalismo, Cinema Marginal. São Paulo: Brasiliense.
- MISSE, Michel. A Violência como Sujeito Difuso. In: Feghali, Jandira, Mendes, Candido, Lemgruber, Julita (orgs.). (Org.). Reflexões sobre a violência urbana: (In)segurança e (Des)esperanças. 1ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006, v. , p. 19-31.
- \_\_\_\_\_. Sobre a acumulação social da violência no Rio de Janeiro. Conferência na Academia Brasileira de Letras, em 3 de julho de 2008.
- \_\_\_\_\_. Crime Urbano, Sociabilidade violenta e Ordem legítima: comentários sobre as hipóteses de Machado da Silva. [s/d]. Disponível em: [https://www2.mppa.mp.br/sistemas/gcsubsites/upload/60/Crime\\_urbano.pdf](https://www2.mppa.mp.br/sistemas/gcsubsites/upload/60/Crime_urbano.pdf) Último acesso em: 11 out. 2017.
- \_\_\_\_\_. "Sobre a construção social do crime no Brasil: esboços de uma interpretação" in Michel Misse (org.), Acusados e Acusadores: estudos sobre ofensas, acusações e incriminações. Faperj/Revan. Rio de Janeiro. 2008. Texto Misse (a tentativa de inclusão dos periféricos nos anos 50);
- TELLES, Vera da Silva. Prospectando a cidade a partir de suas margens: notas inconclusas sobre uma experiência etnográfica. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 3, n. 2, jul.-dez. 2013, pp. 359-373.
- SPIVAK, Gayatri C. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

## **Encontro 6:** O cinema de Nelson Pereira dos Santos. Neo-realismo, identidade nacional, música popular, literatura e favela.

- FABRIS, Mariarosaria. A questão realista no cinema brasileiro: aportes neo-realistas. Alceu, Rio de Janeiro, v.8, n.15 - p. 82 - 94 - jul./dez. 2007. Disponível em: <[http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu\\_n15\\_Fabris.pdf](http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu_n15_Fabris.pdf)>. Acesso em: 03/11/2017.
- \_\_\_\_\_. Nelson Pereira dos Santos: um olhar neo-realista? São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- SADIÉ, Darlene J. Nelson Pereira dos Santos. Campinas: Papirus, 2012.
- SALEM, Helena. Nelson Pereira dos Santos: o sonho possível do cinema brasileiro. Rio de Janeiro: Nova, 1987.
- SANTOS, Nelson Pereira dos. Três Vezes Rio. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- ANDRADE, Ana Paula. De Vidas Secas à Memórias do Cárcere: um percurso de Nelson Pereira dos Santos. 2007. 186 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 2007.
- NEGRINI, Márcio Zanetti. Imagem, Narrativa E Subjetividade: Análises Político-afetivas em



Personagens dos Filmes de Nelson Pereira dos Santos. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, PUCRS, 2015.

**Encontro 7:** O cinema de Leon Hirszman. Lutas políticas, inquietude existencial, teatro, literatura e favela.

- SALEM, Helena. Leon Hirszman, navegador das estrelas. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- HIRSZMAN, Leon. Memória, História, Identidade - Revista De Cine Mais Outras Questões Audiovisuais Nº 37: Cinemais, 2010.
- CARDENUTTO, Reinaldo. Por um Cinema Popular: Leon Hirszman, Política e Resistência. São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.
- \_\_\_\_\_. O cinema político de Leon Hirszman (1967-1981): engajamento e resistência durante o regime militar brasileiro. Tese de Doutorado, USP, 2014.
- \_\_\_\_\_. Discursos de intervenção: o cinema de propaganda ideológica para o CPC e o Ipês às vésperas do Golpe de 1964. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais da Comunicação, ECA/USP, 2008.
- Santos, Marcio Hideo dos. Eles não usam blacktie: um estudo sobre cinema e história (Leon Hirszman, 1981). Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, PUCRS, 2015.

**Encontro 8:** O cinema de Eduardo Coutinho: a permanente reinvenção da linguagem e do mundo.

- LINS, Consuelo. O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- RIDENTI, Marcelo. Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- XAVIER, Ismail. "O cinema brasileiro dos anos 90". Entrevista concedida à revista Praga: estudos marxistas, nº 9. São Paulo: Hucitec, 2000.
- \_\_\_\_\_. O cinema brasileiro moderno. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- MATTOS, C.A. Sete faces de Eduardo Coutinho São Paulo: Boitempo, 2019.
- GRANATO, Luíza Zaidan. "Trilogia Do Palco": Autorrepresentação, Jogo E Mise-en-scène No Cinema De Eduardo Coutinho = "The Stage Trilogy": Self-representation, Acting and Mise-en-scène in the Cinema of Eduardo Coutinho. 2020.

**Encontro 9:** O cinema da retomada e o cinema dos 2000: novos desafios, antigos enfoques.

- ORICCHIO, Luiz Zanin. Cinema de novo: um balanço crítico da Retomada. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- \_\_\_\_\_. Cinema e Futebol no Brasil. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

- BALLERINI, Frantjesco. Cinema brasileiro no século 21: reflexões de cineastas, produtores, distribuidores, exibidores, artistas, críticos e legisladores sobre os rumos da cinematografia nacional. São Paulo: SUmms, 2012.
- OLIVEIRA, Leandro Silva de. Cinema de Favela, o real da ficção, a estética do político. 2018. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11561>.
- NAGIB, Lúcia. A utopia do cinema brasileiro: matrizes, nostalgia, distopias. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- RAMOS, F.P; SCHVARZMAN, S.. 2018. Nova história do cinema brasileiro. São Paulo: Edições Sesc, 2018a. 2 volumes.

**Encontros 11 a 14:** Exibição comentada e análise em aula de trechos dos seguintes filmes: Rio 40 Graus (1955, Nelson Pereira dos Santos); Eles não usam Black-tie (1981, Leon Hirszman); Notícias de uma guerra particular (1999, João Moreira Salles, Kátia Lund); Cidade de Deus (2002, Fernando Meirelles, Kátia Lund); Linha de passe (2008, Daniela Thomas, Walter Salles); Tropa de Elite e Tropa de Elite 2: O inimigo agora é outro (2007 e 2010, José Padilha); O som ao redor (2013, Kleber mendonça Filho) e Branco sai, preto fica (2014, Adirley Queirós).

**Encontro 15:** Síntese do curso e avaliação final. Apresentação de trabalhos finais pelos alunos, seguida de debate sobre as contribuições do curso para a formação crítica e social dos participantes.